

Bresser anuncia o G3, grupo de devedores

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Brasil, Argentina e México formarão um grupo para troca de experiências na área da dívida externa, "para gerar uma solidariedade básica", revelou ontem o ministro da Fazenda, Bresser Pereira, em entrevista coletiva em que divulgou nota oficial sobre seu encontro com o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker. O grupo não formulará uma proposta comum de renegociação da dívida, mas apenas trocará informações, garantiu o ministro. A primeira reunião está marcada para o próximo dia 24, em Nova York. De lá participarão os ministros de Fazenda dos três países. A partir daí eles se reunirão regularmente. Bresser também deu um nome à iniciativa: "G 3" (Grupo dos Três).

O ministro também disse que o governo não divulgará mais nenhum detalhe de sua proposta de renegociação da dívida, até as vésperas de sua apresentação ao comitê de bancos credores no dia 25 próximo. A medida visa não atrapalhar o processo de elaboração da proposta. Bresser disse que antecipou a proposta brasileira de desconto da dívida porque no dia (2 último) de seu embarque para Europa, a notícia tinha sido "mal vazada pela imprensa".

A antecipação da proposta gerou fortes reações negativas em todo o mundo, criando um clima desfavorável quando Bresser se encontrou com Baker na última terça-feira. O ministro também afirmou que "a imprensa brasileira precisa pensar em que lado está" e que no Brasil "existe um complexo de inferioridade colonial".

Estas duas afirmações foram feitas por causa do clima que o País viveu desde a antecipação da proposta brasileira até sua apre-

sentação a Baker. Bresser observou que, antes do encontro, no Brasil vivia-se o clima de que se estava partindo para um "confronto" com os credores, devido à proposta de desconto sobre 50% da dívida. Com o recuo "pequeno e muito relativo", após a reunião com Baker, "tem-se a impressão de que houve um desrespeito à soberania nacional", afirmou o ministro.

Bresser leu toda a nota oficial antes da entrevista. Ela informa que o ministro concordou, durante a reunião com Baker, "em formular uma proposta que não torne obrigatória a conversão da metade da dívida em títulos". O documento diz também que da proposta brasileira continuará a constar a "emissão de uma quantidade expressiva de títulos, mas que o Brasil não exigirá uma percentagem mínima de títulos a serem subscritos pelos bancos".

Segundo o ministro, a não obrigatoriedade da conversão e de uma percentagem mínima de subscrição foram os "únicos e pequenos recuos" em relação à proposta original. Ressaltou na nota e durante a entrevista que o nível de aceitação dos descontos deverá ser grande entre os bancos. O ministro observou que os títulos serão "facilmente renegociáveis, porque incluirão o pagamento adicional de juros, caso a economia brasileira aumente sua capacidade de pagar".

Bresser também considerou "normal" o recuo do Brasil, observando que a negociação é "um processo dialético", onde os recuos e avanços acontecem nos dois lados. Disse que o secretário do Tesouro norte-americano também fez concessões ao Brasil, lembrando que nota oficial distribuída por Baker não fez nenhuma menção ao assunto.

Bresser e Milliet retornaram ontem a Brasília

Júlio Fernandes